



A Santa Sé

PAPA PAULO VI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 29 de Abril de 1970

Consolações da Igreja

Entre as numerosas perguntas que Nos são feitas com mais frequência, ainda ouvimos uma como um suspiro, às vezes como um gemido: o que faz a Igreja ?

A Igreja desenvolve uma grande actividade. Vive um período de intensa operosidade. O Concílio despertou nela a consciência da sua vocação e, portanto, a de novos deveres, de novas reformas e de novas actividades. E o Concílio, estamos convencido, infundiu-lhe nova energia e novo impulso do Espírito Santo.

Devemos dar graças a Deus e reconhecer que a Igreja se encontra hoje num momento de intensa vitalidade. Sem qualquer triunfalismo, a Igreja estuda-se e observa-se a si mesma, ensina e renova a sua catequese e a sua teologia, reza, reforma a sua Liturgia, aperfeiçoa e desenvolve as suas estruturas, une as suas fileiras, aumenta o movimento interno da sua actividade, revê a sua lei canónica, alarga a sua área missionária, trava diálogos com os irmãos separados, determina e vivifica a sua posição no mundo, que hoje, quanto mais secularizado e progredido se apresenta, tanto mais dela necessita.

Actualmente, porém, há um aspecto na Igreja que é mais evidente e mais sensível: a Igreja sofre, resiste e suporta. E por isso que esta trepidante pergunta, « o que faz a Igreja ? », é justificada. E nessa pergunta ansiosa já está contida a resposta: sofre. Sofre como, aliás, sofre em toda a parte a convivência civil. A sociedade civil, embora seja tão progredida, não está satisfeita e não é feliz. O progresso aumentou tanto os seus desejos, revelou de tal maneira as suas deficiências, multiplicou a tal ponto as suas polémicas, desenfreou de tal modo os seus extremismos e relaxou

tanto os seus costumes que, raramente, a sociedade está contente consigo mesma, raramente tem confiança nos princípios que a governam e nos fins a que aspira. A sociedade está intoxicada de angústia, de retórica, de esperanças falsas e de radicalismos exasperados. Este mal-estar colectivo, que talvez seja uma febre de crescimento, tem repercussão, também, na Igreja. Infunde-lhe a ânsia do transformismo e do conformismo; diminui-lhe a confiança em si própria, tira-lhe o gosto pela sua unidade interior, faz com que se apaixone pelos particularismos contestatários e ilude-a com novidades, que estão separadas da raiz da tradição.

O que torna característico este mal-estar é o facto de ele, embora sendo um reflexo do mal-estar da sociedade exterior, encontrar muitas vezes, dentro da Igreja, as suas causas e os seus factores. Os tesouros da Igreja vêm-se com frequência ameaçados ou dissipados. Alguns dos seus filhos, dos seus mestres e dos seus ministros, contestam-na frequentemente e abandonam o lugar que tinham escolhido e que lhes tinha sido confiado. Felizmente são fenómenos isolados, mas a publicidade mantém-nos e, às vezes, são qualificados como actos de renovação pós-conciliar e de libertação. Para alguns deles a tradição canónica indispensável, que é o invólucro protector dos mistérios da revelação, da comunidade e dos carismas do Espírito Santo, é qualificada como « juridicismo » arbitrário, compressivo e repressivo. A autoridade é facilmente combatida e, às vezes, dissolvida por um exagerado pluralismo, no qual parece já não prevalecer a caridade unitiva, mas um certo egoísmo particular.

Não dizemos mais nada. As causas internas do sofrimento da Igreja, as que enumerámos e ainda outras, já são conhecidas por todos. Deveríamos também aludir às causas externas que, nalgumas regiões, ainda são numerosas e graves e, em certos países, gravíssimas, tendendo a sufocá-la e a suprimi-la. É um facto conhecido.

O que agora desejamos considerar é o sofrimento da Igreja, causado por esta situação, como se fosse um destino que, sob certos aspectos, poderíamos considerar normal e quase congénito à sua existência. E, de facto, assim é. Muitas vezes estamos tão persuadidos de que a vida cristã, promovida pela Igreja, é a fórmula verdadeira, a fórmula justa, a fórmula feliz, tanto para cada um dos fiéis, como para a comunidade bem ordenada que a faz própria e também para a sociedade temporal, que reconhece os benefícios que nela pode encontrar, a nível de liberdade e de moralidade, a sua afortunada integração, que, facilmente, nos orgulhamos da possibilidade de gozar de uma tranquilidade adquirida e estável.

Não nos lembramos suficientemente bem que a profissão cristã traz consigo, por sua própria natureza (porque diferente do mundo e oposta às suas seduções corruptoras, às suas vaidades, como até ontem dizíamos no ritual do baptismo), um drama, uma posição desfavorável, um risco, um esforço, um « martírio » (isto é, um testemunho difícil), um sacrifício. O Senhor disse aos seus seguidores: « Se a Mim Me perseguirem, também vos perseguirão a vós... » (*Jo 15, 20*) ; « o mundo alegrar-se-á e vós estareis tristes... » (*Jo 16, 20*). Não vim para trazer a indolência pacífica, mas a espada da coragem moral — ensina o Senhor — (cfr. *Mt 10, 34*). Ele é « sinal de

contradição » (Lc 2, 34). Quem O deseja seguir, deve levar com Ele a própria cruz (cfr. Mt 10, 38). E as cruzes que são infligidas à Igreja pelos que estão dentro da sua comunhão, que ofendem e despedaçam esta mesma comunhão, não são menos cruéis e funestas do que aquelas que lhe são infligidas pelos que estão fora. A dor mais aguda para um coração materno é a dor causada pelo próprio filho.

E esta reflexão sobre os sofrimentos da Igreja, de ontem e de hoje, seria uma meditação sem fim. Seja-nos hoje suficiente, ou melhor, console-nos e edifique-nos uma página linda e consoladora da história da Igreja, a página escrita com silenciosa paciência por tantas almas humildes, corajosas e fiéis, que aceitam e compartilham os sofrimentos da Igreja. Não há consolação mais suave para um coração materno do que a consolação forte e delicada que lhe é oferecida pelos seus filhos sinceros.

Sabemos que muitos, muitos filhos sinceros, consolam a Santa Igreja, sofrendo com Ela e por Ela. Conhecemo-los, agradecemos-lhes e encorajamo-los. A comunhão na adversidade é uma grande realidade na economia cristã.

Existem tantos cristãos, que sofrem pelas dificuldades legalizadas de que são vítimas, nalgumas regiões, populações ainda fiéis à Igreja Católica, que não pouco se entristecem pelas inquietantes tribulações internas, que lhes ferem o coração, e, às vezes, a honra e a paz. Trata-se, geralmente, de sacerdotes e de leigos católicos que lhe prestaram um longo e fiel serviço; ou, também, de jovens que desejariam obter imediatamente resultados positivos e tangíveis; de espíritos simples, que aceitam com firmeza as normas da fé e da disciplina eclesiástica; de gente humilde, pobre de espírito, herdeira daquela tradição que transmitiu até nós, através dos séculos, o anúncio e a iniciação do « reino dos céus »; dos que guardaram aquele « *sensus ecclesiae* », aquela intuitiva sabedoria católica, que faz germinar a santidade, talvez ignorada pela publicidade, mas não ignorada por Deus. *Hic est patientia et fides sanctorum*, aqui está a perseverança e a fé dos santos (Apoc 13, 10). É a Igreja existente, resistente e paciente: a *Ecclesia sustinens*, a Igreja que suporta.

Nesta Igreja estão inscritos os cristãos que rezam. A oração é a alma da resistência contra os males externos e internos que estão na Igreja. Desejaríamos repetir a todos aqueles, que conhecem as dificuldades actuais da Igreja, a grave exortação do Senhor: « Vigiai e orai para não cairdes em tentação » (Mt 26, 41). Nesta Igreja paciente estão inscritos os seus filhos obedientes. A tendência de alguns filhos da Igreja a libertarem-se da sua autoridade é, muitas vezes, sugerida por um instintivo desejo de subtrair-se à solidariedade da sua experimentada firmeza. Estes seus filhos obedientes, pelo contrário, entram no estado de tensão que a Igreja paciente experimenta, e provam, também eles, o seu conatural carisma de fidelidade e de fortaleza e compartilham o seu merecimento.

Numa palavra, os filhos da Igreja *sustinens*, peregrina em pranto, *euntes ibant et flebant* (Sl 125,

6), são os fortes, os fiéis, as testemunhas muitas vezes heróicas. Devemos subtrair-nos a este destino próprio da Igreja e, portanto, próprio de quem lhe pertence e de quem a vive, ou devemos resignar-nos a ele? Devemos aceitá-lo viril e alegremente, pensando que é este o destino de Cristo, na paixão, para o ser, em parte, desde já, no júbilo ?

Certamente é assim: *venientes autem venient cum exultatione (Ibid.)*. A meta do penoso caminho da Igreja paciente será a vitória e a alegria. Que este voto, paradigma da nossa vida cristã e católica, seja corroborado para vós com a Nossa Bênção Apostólica.